

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE JORNALISMO

CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO

MOVIDAS PELO COCO BABAÇU:

A vivência extrativista no contexto das quebradeiras de coco do povoado de
Petrolina, Maranhão

IMPERATRIZ - MA

2025

CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO

MOVIDAS PELO COCO BABAÇU:

**A vivência extrativista no contexto das quebradeiras de coco do povoado de
Petrolina, Maranhão**

Relatório técnico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Rodrigues Viana

IMPERATRIZ - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Monteiro, Cinthya Nayara Lopes.

MOVIDAS PELO COCO BABAÇU: : a vivência extrativista no contexto das quebradeiras de coco do povoado de Petrolina, Maranhão / Cinthya Nayara Lopes Monteiro. - 2025.

51 f.

Orientador(a): Camila Rodrigues Viana.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, 2025.

1. Coco Babaçu. 2. Quebradeiras de Coco. 3. Cadeia Produtiva. 4. Identidade Cultural. 5. Documentário Jornalístico. I. Viana, Camila Rodrigues. II. Título.

CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO

MOVIDAS PELO COCO BABAÇU:

A vivência extrativista no contexto das quebradeiras de coco do povoado de
Petrolina, Maranhão

Relatório técnico apresentado ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão
(UFMA), Campus Imperatriz, como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Camila Rodrigues Viana (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos (Examinador 1)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Luciana da Silva Souza (Examinadora 2)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa jornada, olho para o meu início com um misto de gratidão. Como um passo tanto quanto ousado, me joguei de cabeça no curso. Se eu falasse que jornalismo sempre foi meu sonho, eu estaria mentindo, aliás, quem imaginaria aquela Cinthya extremamente hesitante ao se comunicar cursando algo do tipo? No entanto, foi justamente nessa caminhada, repleta de desafios, que pude enfrentar muitos dos meus medos e inseguranças, e admirar ainda mais a profissão. Afinal, mais do que apenas informar, o jornalismo é, acima de tudo, um espaço para a promoção do diálogo, da reflexão e do senso crítico.

Agradeço aos meus pais, Jacyhara Odelis e Pedro Monteiro, pois sem eles eu não teria chegado até aqui. Em todos os momentos da vida, mas, principalmente, nos mais difíceis, eles sempre estiveram ao meu lado. Na faculdade, não foi diferente. Quando mais me senti incapaz, foram os primeiros a me dar força e a acreditar no meu potencial. Estendo minha imensa gratidão à minha avó, Célia Maria, que esteve presente em toda minha caminhada, e aos demais familiares que, com carinho e incentivo, também me apoiaram. Sou muito grata por tê-los como família.

Aos professores do curso de jornalismo que contribuíram para o meu conhecimento e minha formação como graduanda e profissional na área, e à minha orientadora, Camila Rodrigues, com quem tive a oportunidade de estabelecer um maior contato na reta final. Mesmo com todas as indecisões que pairavam sobre minha cabeça, ela buscou, da melhor forma, me orientar.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos que contribuíram para a realização deste trabalho e foram essenciais em sua construção. Ao Matheus Cardoso, pela disponibilidade e pelo apoio na captação e edição do produto. E às mulheres quebradeiras de coco do povoado de Petrolina, Maranhão: Terezinha Cruz, Maria de Jesus Cruz, Raimunda de Jesus Araújo, Francisca Lima e Maria de Nazaré Lima, cuja colaboração e confiança foram fundamentais para esta pesquisa. Que este trabalho contribua para o reconhecimento e a valorização de um ofício de profundo valor histórico e cultural, enraizado nas tradições da nossa região.

RESUMO

O relatório técnico refere-se ao desenvolvimento de um produto jornalístico do tipo vídeo documentário sobre o coco babaçu como prática produtiva das quebradeiras do povoado de Petrolina, Maranhão. Objetiva-se compreender o coco babaçu como prática produtiva para as quebradeiras do povoado de Petrolina (MA). A pesquisa teve como base metodológica a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo a observação participante e a entrevista semiestruturada como instrumento de análise onde cinco mulheres quebradeiras de coco da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA) foram as colaboradoras da pesquisa. A imersão e os relatos mostraram que a cadeia produtiva do coco babaçu entre as mulheres quebradeiras da associação, ainda artesanal e em pequena escala, possui um valor socioeconômico e sustentável significativo. Apesar dos desafios da atividade, como a ausência de terras próprias para a coleta da matéria-prima, a comercialização informal dos subprodutos e sua oscilação, além do baixo interesse na continuidade da prática, especialmente entre os jovens, as quebradeiras de coco seguem atuando por resistência e pertencimento, em uma atividade essencial para a renda local, que também carrega significados identitários, o que permite compreender com mais profundidade as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que a envolvem, como se observa ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Coco Babaçu; Quebradeiras de coco; Cadeia Produtiva; Identidade Cultural; Documentário Jornalístico.

ABSTRACT

The technical report refers to the development of a journalistic product in the form of a video documentary about the babaçu coconut as a productive practice among the women coconut breakers of the village of Petrolina, in the state of Maranhão, Brazil. The objective is to understand the babaçu coconut as a source of livelihood for the women coconut breakers in Petrolina (MA). The research was based on a qualitative methodology, specifically a case study approach, using participant observation and semi-structured interviews as analytical tools. Five women from the Association of Coconut Breakers of the Village of Petrolina (MA) participated in the research. The immersion and collected narratives revealed that the babaçu coconut production chain among the women of the association, still artisanal and small-scale, holds significant socioeconomic and sustainable value. Despite the challenges they face, such as the lack of land for harvesting raw materials, the informal and unstable nature of product commercialization, and the declining interest in continuing the practice, especially among younger generations, the coconut breakers continue their work as an act of resistance and a way of asserting their identity. This activity, essential to the local economy, also carries strong cultural meaning, allowing for a deeper understanding of the social, economic, and environmental dynamics surrounding it, as observed throughout the research.

Keywords: Babaçu coconut; Quebradeiras de coco; Production chain; Cultural identity; Journalistic documentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gravação com Raimunda de Jesus Araújo.....	28
Figura 2 - Gravação com Terezinha Cruz.....	28
Figura 3 - Gravação com Maria de Jesus Cruz.....	29
Figura 4 - Gravação com Francisca Lima.....	30
Figura 5 - Gravação com Maria de Nazaré.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA.....	13
3 EXTRATIVISMO EM CENA: TRABALHO, QUEBRADEIRAS E NARRATIVAS AUDIOVISUAIS.....	17
3.1 O coco babaçu: da natureza à transformação em fonte de renda.....	17
3.2 O coco babaçu como prática produtiva para as quebradeiras de coco do povoado de Petrolina (MA).....	19
3.3 Documentário e jornalismo.....	23
4 MOVIDAS PELO COCO BABAÇU.....	25
4.1 Pré-produção: o germinar de uma ideia.....	25
4.2 Produção: colhendo relatos, contando histórias.....	27
4.3 Pós-produção: a narrativa que floresce através da lente.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	38

1 INTRODUÇÃO

A *Attalea Speciosa*, conhecida como palmeira de babaçu, é uma espécie de grande porte predominante nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (Soler; Vitali; Muto, 2007), adaptada às condições climáticas quentes do cerrado e da caatinga. Essa palmeira é responsável pela produção do coco babaçu, fruto de grande relevância cultural, econômica e ambiental para comunidades rurais, que o utilizam de forma integral em atividades artesanais e comerciais (Iadanza et al., 2020). Tal relevância se materializa, sobretudo, nas práticas tradicionais de extração e beneficiamento realizadas pelas quebradeiras de coco, mulheres extrativistas que preservam saberes ancestrais, garantem o sustento de suas comunidades e mantêm viva uma tradição fortemente enraizada em estados como Piauí, Tocantins, Pará e Maranhão. No povoado de Petrolina, localizado na zona rural do município de Imperatriz, segunda maior cidade do Maranhão e situada a aproximadamente 632 km da capital São Luís, essa tradição mantém-se presente como parte essencial da identidade local, sendo sustentada por um processo de organização coletiva que garante a continuidade da prática.

Fundada em 18 de julho de 1998 e situada às margens da Estrada do Arroz, trecho marcado pela presença de diversas comunidades tradicionais, incluindo as quebradeiras de coco babaçu, a Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA) atua na defesa dos babaçuais, na preservação da renda das famílias e no combate à destruição ambiental. A associação também luta por direitos territoriais, pelo acesso a políticas públicas e promove o empoderamento das quebradeiras, incentivando a produção e comercialização dos três principais subprodutos oriundos do fruto, como o azeite, feito a partir da amêndoa do coco babaçu, utilizado principalmente na culinária regional, substituindo o óleo convencional no preparo de alimentos; o carvão do coco babaçu, feito da queima controlada da casca, que funciona como uma fonte sustentável de energia utilizada principalmente por moradores de comunidades rurais; e a farinha de mesocarpo, rica em fibras e utilizada no preparo de mingaus, bolos, pães, bebidas nutritivas e proteicas, vendida sob a marca própria “Das Quebradeiras”.

Levando em conta a forte presença da prática da quebra do coco babaçu na região, o presente documentário, intitulado “Movidas pelo Coco Babaçu”, disponível

em: https://www.youtube.com/watch?v=w_mhNITl3Sk, volta-se para a compreensão das formas de aproveitamento do coco babaçu, as implicações do ofício e como o fruto se caracteriza como um elemento fundamental na trajetória de vida e na rotina das mulheres quebradeiras de coco do povoado de Petrolina, zona rural do município de Imperatriz (MA), em especial aquelas selecionadas, ligadas à Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), a fim de promover reflexões sobre como essa atividade tradicional contribui para práticas que equilibram renda, preservação dos recursos naturais, dinâmica comunitária e cultura.

A escolha do tema se justifica por sua relevância no contexto local, considerando a forte presença da atividade de quebra do coco babaçu no estado do Maranhão, uma prática de grande valor cultural, social e econômico, que se mostra uma importante fonte de renda e sustento para muitas famílias extrativistas (Caselli et al., 2018), especialmente para as mulheres quebradeiras de coco. Da mesma forma, a escolha do formato de vídeo documentário para o desenvolvimento do projeto se justifica tanto pelo interesse pessoal pelo formato quanto pelo dinamismo e pela narrativa audiovisual mais aprofundada, impactante e humanizada, que expõe a atividade das quebradeiras de coco ligadas à associação.

Nesse sentido, a presente pesquisa, fundamentada em uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, foi desenvolvida por meio das etapas de observação participante, análise documental, trabalho de campo e realização de entrevistas de natureza semiestruturada com cinco mulheres integrantes da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), buscando assim, contribuir para o debate com o seguinte problema de pesquisa: De que maneira o uso do coco babaçu se configura como prática produtiva para as quebradeiras do povoado de Petrolina (MA)?

O objetivo geral da pesquisa consistiu em compreender o uso do coco babaçu como prática produtiva para as quebradeiras do povoado de Petrolina, Maranhão. Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Caracterizar as quebradeiras de coco selecionadas, envolvidas no processo de aproveitamento do coco babaçu no povoado de Petrolina, Maranhão.

- Identificar as etapas do beneficiamento do coco babaçu, destacando as técnicas utilizadas pelas quebradeiras e os produtos resultantes desse processo;
- Relatar como se estabeleceu a relação das quebradeiras de coco do povoado de Petrolina com a atividade do coco babaçu, considerando os aspectos socioeconômicos envolvidos;
- Identificar a Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA) e sua atuação na dinâmica comunitária, no contexto das atividades desenvolvidas pelas quebradeiras.

Ao final, o documentário foi estruturado em quatro partes, que revelam diferentes dimensões da relação entre o coco babaçu e o ofício das quebradeiras de coco, mostrando como esse trabalho permeia e atravessa suas trajetórias de vida. São elas: Vozes da quebra, que apresenta as histórias das mulheres e o vínculo construído com o trabalho ao longo dos anos; Do fruto à renda, que evidencia a transformação do coco babaçu em fonte de sustento, por meio da coleta e do beneficiamento; Força e coletividade: as quebradeiras de Petrolina e a associação, que destaca a união das trabalhadoras e a luta por seus direitos, além de apontar para as perspectivas futuras da atividade como alternativa econômica viável, enraizada no território e na identidade local; O babaçu nos trouxe até aqui, que reflete sobre como o fruto e o ofício acompanham as quebradeiras ao longo da vida, integrando suas trajetórias e identidades.

2 METODOLOGIA

Com os desdobramentos iniciais na construção da pesquisa, o primeiro passo foi a realização de uma revisão bibliográfica para entender melhor o tema. Nesse levantamento, foram identificadas discussões como os direitos das quebradeiras de coco, a luta pelo acesso livre aos babaquais por meio da Lei Babaçu Livre, movimentos sociais, a atuação de lideranças femininas, além de questões culturais, territoriais e identitárias. Também foram identificadas discussões sobre documentário, possibilidades do jornalismo aliado ao formato e técnicas de roteiro. Essa pesquisa inicial ajudou a entender como poderia contribuir para o campo de estudo com uma outra perspectiva e serviu de base para o embasamento teórico.

Diante do percurso teórico traçado, foi necessária a definição de um caminho metodológico alinhado à natureza qualitativa da pesquisa, uma vez que esse tipo de abordagem, reconhecida entre as formas de investigação, possibilita o entendimento sobre os fenômenos humanos e suas complexas relações sociais em diferentes contextos (Godoy, 1995, p. 21). A abordagem qualitativa também considera que o fenômeno deve ser entendido no seu contexto, ouvindo e analisando as experiências dos participantes de forma integrada, conforme destaca Godoy (1995):

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (Godoy, 1995, p. 21)

O vasto campo de estudo dentro da pesquisa qualitativa reúne diferentes métodos em sua abordagem, como “a etnográfica, a naturalística, a fenomenológica, a hermenêutica e a holística” (Stake, 2016, p. 29), capaz de interpretar os fenômenos de forma profunda e contextualizada. Dentre os métodos, o caminho escolhido para esta investigação foi o estudo de caso. Segundo Lunetta e Guerra (2023, p. 156), “o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa científica que mergulha de cabeça em um fenômeno real e suas variáveis.” Os autores também ressaltam que “é como uma investigação intensiva e sistemática de uma instituição, comunidade ou indivíduo, permitindo uma análise profunda de fenômenos

complexos.” Essa abordagem permite a compreensão sobre um fenômeno em um contexto singular e delimitado, o que possibilita um aprofundamento na investigação da realidade em questão.

Segundo Bressan (2000), o estudo de caso utiliza seis fontes de dados para obter evidências: documentos, registros de arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. A partir desses critérios, as etapas definidas nesta pesquisa consistiram na observação direta, análise documental, trabalho de campo e realização de entrevistas semiestruturadas, como detalhado na etapa de estruturação do produto e apresentado no produto final.

A definição metodológica da pesquisa tem como base a produção de um produto jornalístico do tipo vídeo documentário como resultado final, estruturado com uma narrativa expositiva, comum nesse tipo de audiovisual, em que o formato apresenta o tema usando recursos tradicionais como entrevistas, narração, dados e informações, ajudando a construir a história. Nesse contexto, o documentário se mostra uma ferramenta capaz de conciliar elementos estéticos e narrativos sem se desconectar com a realidade, ocupando uma posição particular dentro da linguagem audiovisual, como ressalta De Melo (2002):

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc. Por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. (De Melo, 2002, p.25)

A escolha do formato surge da possibilidade de alinhar uma narrativa mais aprofundada e humanizada com o dinamismo e a efetividade na transmissão do conhecimento, tendo como foco o uso do coco babaçu enquanto prática produtiva em Petrolina, zona rural do município de Imperatriz (MA), realizada por mulheres do povoado que se dedicam a essa atividade, especialmente aquelas vinculadas à Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA). Para o vídeo documentário, foram selecionadas cinco quebradeiras de coco do povoado de Petrolina: Maria de Nazaré Lima, que se dedica à produção de azeite e carvão, além

de Maria de Jesus Cruz, Raimunda de Jesus Araújo e Terezinha Cruz, que produzem azeite e farinha de mesocarpo, um subproduto fabricado por um grupo de cinco mulheres associadas e comercializado sob a marca “Das Quebradeiras”, pertencente à Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), e Francisca Lima, quebradeira de coco e atual diretora da associação. Dessa maneira, o produto se destaca de maneira informativa, sensível e documental não apenas a comunidade acadêmica, mas também aqueles que se interessam pelos conhecimentos tradicionais e pela economia extrativista sustentável, ao dar voz às mulheres que vivem desse ofício e lutam pela sua continuidade.

No desenvolvimento de um produto, como no caso de um documentário, a entrevista tem um papel essencial desde a pré-produção até a produção, revelando-se uma ferramenta no resgate de memórias e na narração histórias pessoais, enriquecendo o resultado final. Musse e Musse (2010) afirmam que:

A entrevista no documentário pode ser utilizada para construir e resgatar uma memória coletiva, quando vários personagens falam de suas experiências ou lembranças, e também como construção da história de um personagem, através de seus relatos e reflexões sobre sua própria vida. (Musse; Musse, 2010, p.06-07)

Ao adotar a entrevista em profundidade, conforme embasado por Jorge Duarte (2005) na etapa de produção, o documentário possibilita não apenas uma investigação do tema, mas também uma compreensão da realidade do ofício executado por essas mulheres, intrínseco a questões socioeconômicas e culturais. Partindo desse pressuposto, foi elaborado um conjunto de perguntas específicas tanto para o tópico do trabalho realizado por essas mulheres quanto para a atuação da associação diante dessa atividade, mas de maneira a permitir que novas questões surgissem ao longo da conversa, em um formato que pode ser considerado semiestruturado como endossado também por Duarte (2005):

A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista. (Duarte, 2005, p.03)

Depois de definir os desdobramentos introdutórios e com o desenvolvimento do percurso metodológico sendo traçado, comecei a conversar diretamente com as fontes, por mensagens e ligações, para entender melhor, além do que está na internet, como funciona a atividade produtiva com o coco babaçu. Assim, pude construir um conhecimento inicial sobre o tema. Tendo mais noção sobre o assunto, elaborei um pré-roteiro com o intuito de facilitar no dia da gravação, dividindo-o nas seguintes seções: introdução e contextualização; resgatando memórias: quebradeiras e o coco babaçu; a versatilidade de um fruto; o coco babaçu como possibilidade de renda para as quebradeiras; as quebradeiras e a Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA); o elo que as une; a esperança está no coco.

Além das definições metodológicas e da construção narrativa, foi preciso considerar questões práticas envolvidas na realização do documentário. Por ser uma produção independente, sem apoio financeiro externo, todo planejamento foi pensado de forma a viabilizar o projeto com recursos próprios, respeitando o orçamento disponível. Abaixo, estão descritos os principais custos durante o desenvolvimento do produto:

Tabela 1 - Custos operacionais da produção audiovisual

Categoria	Item	Quantidade	Valor unitário	Valor total
Serviço	Captação e edição (material incluso)	-	325,00	325,00
Transporte	Gasolina para deslocamento próprio	2 viagens	80,00	160,00
Transporte	Gasolina videomaker	1 viagem	50,00	50,00
Total				535,00

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

3 EXTRATIVISMO EM CENA: TRABALHO, QUEBRADEIRAS E NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

3.1 O coco babaçu: da natureza à transformação em fonte de renda

Originária do Brasil, com maior presença nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, especialmente no Nordeste, que concentra a maior produção de amêndoas e área de cocais (Soler, Vitali e Muto, 2007), “a palmeira de babaçu (*Orbignya phalerata*) pode atingir aproximadamente 15 metros de altura e costuma produzir mais de 500 frutos a cada florada”, segundo Viviane Barbosa (2018, p. 42). Pela alta produtividade e versatilidade, a palmeira e o coco babaçu tem várias partes aproveitadas, como mostram Iadanza et al. (2020): o epicarpo vira biomassa, o mesocarpo fornece farinha, o endocarpo é usado na produção de carvão e artesanato, e as amêndoas geram leite e óleo para azeite, sabão e sabonete. O caule e as folhas são usados na construção de telhados e artesanato, e o tronco na fabricação de cercas e utensílios.

Nesse contexto, Viviane de Oliveira Barbosa (2018, p. 42) destaca que “dessa palmeira podem ser extraídos 68 subprodutos”, o que evidencia seu potencial multifacetado, que vai desde a produção artesanal até a industrial, abrangendo tanto pequenos processos caseiros até grandes escalas de fabricação em indústrias. Soler, Vitali e Muto (2007) afirmam:

O fruto tem potencial em indústrias de cosméticos, obtenção de óleo comestível, margarinas, saboarias, velas, carvão, etanol, furfural, ácido acético, metanol, alcatrão, celulose, papel e álcool anidro. Da amêndoa pode-se obter: rações, ácidos graxos e glicerinas. Em escala comercial, somente o carvão e o óleo têm sido produzidos. O leite de babaçu é um subproduto do fruto que vem se destacando na culinária local com reconhecimento regional, no entanto, estudos como os realizados no coco da Bahia (*Cocos nucifera* L.), são quase inexistentes. (Soler; Vitali; Muto, 2007, p.01)

O fruto, cuja principal característica é a sustentabilidade, tem potencial para abranger tanto aspectos ambientais como econômicos. Por meio de uma cadeia produtiva sem grandes impactos, é possível alinhar o desenvolvimento econômico e social à proteção ambiental, caracterizando o que se entende por desenvolvimento sustentável, conforme apontado por Vieira e Santos (2018):

O desenvolvimento sustentável é pautado em ideais de conciliação do desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e da proteção ambiental, sendo assim possível sua concretização a partir da utilização dos recursos naturais sem gerar grandes impactos ao meio ambiente. (Vieira; Santos, 2018, p.105)

Nesse sentido, entende-se que, quando realizado de forma responsável, com uma cadeia renovável e de baixo impacto ambiental, o cultivo e extrativismo do coco babaçu promove uma economia verde e fortalece comunidades extrativistas, especialmente as quebradeiras, que ao controlarem todo o processo desde a extração até os subprodutos, conquistam maior autonomia financeira e social, unindo desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Ainda assim, a inclusão de populações marginalizadas na cadeia produtiva é um desafio, pois a baixa escolaridade limita o acesso a técnicas que poderiam ampliar produtividade e renda (Caselli et al., 2018).

Desafios como esses tornam a inserção no mercado um grande obstáculo, pois pequenos produtores não conseguem competir com o grande mercado, dificultando seu crescimento. Embora muitos atuem de forma individual, é nas organizações coletivas, como as associações, que encontram estratégias para enfrentar os desafios, principalmente no processo produtivo, como destaca Casseli et al. (2018).

Tornar a cadeia produtiva do coco babaçu mais eficiente passa diretamente pela organização do processo produtivo, começando pelos seus atores. Neste sentido, as associações comunitárias, como instrumentos mobilizadores, têm papel fundamental. (Casselli et al., 2018, p.15)

Mais que espaços de trabalho coletivo, as associações atuam como redes de apoio na defesa dos babaçuais, valorização do ofício e garantia de direitos. Como destacam Casseli et al. (2018, p. 08), “essas mulheres encontram nas organizações uma possibilidade de voz e ação que vai sendo construída pelas relações simbólicas que vão se estabelecendo a partir dos vínculos que elas estabelecem”. Nesse sentido, a união é vista como caminho para promover capacitação, fortalecer a autonomia e articular com o poder público e privado. A ação coletiva surge como saída para superar limites locais, ampliar o alcance dos produtos e enfrentar os desafios da atividade.

3.2 O coco babaçu como prática produtiva para as quebradeiras de coco do povoado de Petrolina (MA)

Com 53% dos babaçuais de toda a extensão territorial brasileira, o Maranhão detém uma parcela expressiva da matéria-prima em seu estado. O clima tropical, que se estende das áreas litorâneas até a Amazônia Maranhense, juntamente com o encontro de vegetações como caatinga e cerrado, colabora para um fator predominante como a concentração de palmeiras de babaçu em diversas regiões do estado, conforme destacado por Barbosa (2018):

Localizado no litoral norte do Brasil, o Maranhão é o estado com maior incidência de palmeiras de babaçu no país, concentrando cerca de 53% dos babaçuais que são encontrados em todo o território brasileiro. Esse estado faz limites com o Oceano Atlântico, numa extensão litorânea de 640 km; a leste com o estado do Piauí; a oeste com o estado do Pará; e a sul e sudeste com o estado do Tocantins. Dividida em 217 municípios, a área total do território maranhense é de 331.983,293 km². A população estimada do Maranhão é de 6.574.789 habitantes, e cerca de 40,5% dela se concentra na zona rural. No estado, o clima predominante é o tropical. Na sua parte noroeste, situa-se a chamada Amazônia Maranhense, que se caracteriza pela vegetação de floresta e clima equatorial, onde se concentram extensas áreas de babaçuais. (Barbosa, 2018, p. 42).

A forte presença dos babaçuais nessas localidades está diretamente ligada às populações rurais e à sua subsistência desde os tempos mais remotos (Caselli et al. 2018) e seu modo de vida, especialmente das mulheres quebradeiras, que predominantemente protagonizam a atividade extrativa (Neto, 2017). Segundo Rocha (2021), nos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, cerca de 300 mil mulheres quebradeiras de coco vivem do extrativismo do babaçu, perpetuando essa prática econômica tradicional em regiões marcadas pela presença da Caatinga e do Cerrado.

No Maranhão, essa atividade é perpetuada desde, pelo menos, o século XIX, especialmente nas zonas rurais. Embora a atividade tenha sido valorizada pelas comunidades rurais ao longo do tempo, por meio da produção artesanal e da utilização doméstica, foi no século XX que o coco babaçu passou a ser reconhecido economicamente, atraindo a atenção de economistas, empresários e do governo estadual, conforme destaca Barbosa (2018):

Sem dúvida, o extrativismo do babaçu é uma atividade realizada por trabalhadores de base rural do sertão maranhense desde pelo menos o

século XIX. Esses sujeitos coletavam o coco e extraíam a amêndoa principalmente para autoconsumo. Antes da instalação de indústrias de óleo e sabão de babaçu já havia a utilização doméstica do produto através da fabricação artesanal do óleo e da retirada do leite de coco, tarefa realizada principalmente por mulheres. Mesmo configurando-se como um produto importante para famílias pobres do estado, o babaçu só mereceu maior atenção de economistas, empresários, comerciantes e do próprio governo estadual a partir do século XX, quando se tornou relevante para a economia local, sendo alvo de diversos acordos comerciais e passando a ser mais intensamente divulgado nos meios impressos. (Barbosa, 2018, p. 45-46).

Esse reconhecimento econômico foi parcialmente impulsionado pelas transformações regionais ocasionadas a partir da década de 1970, com a construção de uma importante via que interligava todo o trecho entre Imperatriz e Cidelândia, onde facilitou o escoamento de produtos. Com cerca de 60 km de extensão, a estrada atravessava diversas comunidades extrativistas localizadas à beira da pista, que viviam do babaçu, sendo uma delas o povoado de Petrolina, situado a 12 km do município vizinho e a 48 km da zona urbana de Imperatriz, conforme aponta dos Santos (2009):

No início dos anos 70 (séc. XX), foi construída uma via de acesso interligando os municípios de Imperatriz e seu adjacente, Cidelândia (SANTOS, 2008, p. 7). O nome desse caminho ficou conhecido como “Estrada do Arroz”, devido ao expressivo volume de produtividade desse gênero alimentício, embora não fosse apenas o arroz. Essa estrada sai de Imperatriz, passa por vários povoados até chegar a Cidelândia, num percurso de cerca de 60 km. Petrolina é o último povoado, distante 12 km do município vizinho e 48 km da zona urbana de Imperatriz. (Santos, 2009, p. 54).

Cercado por extensas áreas de babaçuais, o povoado de Petrolina, zona rural do município de Imperatriz, Maranhão, às margens da Estrada do Arroz, tem sua história e dinâmica socioeconômica ligadas à atividade de quebra do coco babaçu, exercida por muitas famílias extrativistas, especialmente mulheres quebradeiras, que desempenham papel importante na continuidade da atividade, preservação dos babaçuais e resistência contra a desvalorização do trabalho. A organização comunitária tornou-se fundamental nessa luta, transformando o trabalho em ação política, como no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que propôs em 1996 a Lei do Babaçu Livre para garantir o acesso às palmeiras e impedir sua derrubada, conseguindo a aprovação da medida anos

depois em alguns municípios do Maranhão e Tocantins, fortalecendo o movimento (IADANZA et al., 2020).

Além dos movimentos interestaduais, as associações desempenham um papel fundamental na organização das quebradeiras de coco babaçu em várias localidades, buscando melhores condições de trabalho e proteção legal da matéria-prima para garantir renda e continuidade do ofício. Segundo (Neto, 2017), o conhecimento tradicional dessas mulheres fortalece a preservação dos recursos e práticas culturais, defendendo o meio ambiente frente à urbanização e ao agronegócio. No povoado de Petrolina, as trabalhadoras desse ofício enfrentaram falta de terras próprias, acesso difícil às palmeiras em terras privadas e expansão das carvoarias que usavam o coco de forma exacerbada, o que motivou a fundação da associação em 18 de julho de 1998. Desde então, essas mulheres têm conduzido diversas negociações com indústrias proprietárias de áreas de babaçu, como a antiga Celmar e a atual Suzano, para garantir o direito à coleta do coco, assegurado pela Lei do Babaçu Livre (Lei nº 1.084/2003) e preservar o extrativismo tradicional.

Durante esses anos, as mulheres extrativistas associadas se mobilizaram, buscando apoio para melhorias voltadas à preservação ambiental e avanços sociais para a comunidade, especialmente para as quebradeiras. Com cerca de 31 associadas e uma diretoria voluntária, a associação gera renda a partir de três principais subprodutos do coco babaçu: azeite, carvão da casca e farinha de mesocarpo. A produção do azeite e do carvão é feita individualmente, enquanto a farinha de mesocarpo, produzida por um grupo de cinco mulheres, é comercializada sob a marca “Das Quebradeiras”. Ao longo dos anos, a associação firmou diversas parcerias com instituições e empresas que oferecem apoio e recursos para o desenvolvimento das atividades. Esse suporte inclui fornecimento de máquinas, ferramentas, capacitação e suporte à comercialização dos produtos. Em 2023, essas parcerias possibilitaram a criação da marca “Das Quebradeiras”, resultado da colaboração entre as comunidades extrativistas da Estrada do Arroz, o Projeto Pindowa, a Cooperativa dos Extrativistas e Agricultores Familiares da Estrada do Arroz (COOPEAFE) e a Suzano, empresa do setor de papel e celulose. Tais colaborações buscam fortalecer a produção local, ampliar a comercialização e valorizar o protagonismo feminino e os saberes tradicionais.

Com o objetivo de preservar essa prática histórica, ampliar a produção de subprodutos do coco babaçu a partir da marca e gerar renda para as novas gerações, as mulheres da associação têm buscado alternativas para envolver os jovens no extrativismo. Essas alternativas incluem cursos, como o de saboaria artesanal, a implementação de uma cozinha equipada e a criação de uma linha de panificação com base no fruto, viabilizadas por apoio e doações. Apesar dos esforços, a associação reconhece os desafios e compreende que ainda é um caminho a ser trilhado e encorajado na comunidade.

3.3 Documentário e jornalismo

Embora haja debates entre estudiosos, o documentário é amplamente reconhecido como uma ferramenta que retrata um recorte da realidade. De Melo (2002) afirma que o formato se destaca por ser um relato pessoal de um acontecimento, buscando ser fiel aos fatos por meio da verossimilhança, literalidade e registro in loco. A autora ressalta que a produção do documentário exige flexibilidade, permitindo ajustes na pré-produção, produção ou pós-produção. Segundo ela, “um documentário é construído ao longo do processo de sua produção”, ganhando forma durante o desenvolvimento, mesmo com um pré-roteiro definido:

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (De Melo, 2002, p.26)

Soares (2007) destaca que, como resultado da aquisição de controle na produção, a roteirização surge como forma de organizar melhor o conteúdo no desenvolvimento do documentário, permitindo ao realizador mais clareza sobre o caminho do projeto. Ao escolher o tema, definir personagens, cenários e aspectos técnicos, o cineasta passa a ter maior domínio sobre a história que deseja contar, o que contribui para que o projeto encontre rumo e sentido. Além das orientações técnicas, o autor ressalta que, embora baseado em elementos do real, o documentário constrói uma narrativa moldada e levemente planejado pelo olhar do realizador:

O percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme. Estamos falando da construção de um discurso sedimentado em ocorrências do real. (Soares, 2007, p.21)

Com uma abordagem narrativa que se ancora em fatos e contextos reais, o documentário pressupõe uma pesquisa consistente e um levantamento preciso de dados para sua construção. Por meio de informações da internet ou contato direto

com fontes, o roteirista ganha conhecimento para traçar um roteiro mais preciso e respeitoso, aproximando-se do trabalho jornalístico, especialmente na apuração e produção de matérias e reportagens. Apesar de suas particularidades, tanto o formato jornalístico quanto o documentário compartilham a mesma base, ancorando-se em contextos reais e prezando pela contextualização. Enquanto o jornalismo se destaca pela objetividade, o documentário adota uma abordagem mais reflexiva e exploratória, sendo frequentemente compreendido como uma extensão do fazer jornalístico, como aponta De Melo (2002):

Como em outros discursos sobre o real, o documentário pretende descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística. As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como "lugar de revelação" e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa. (De Melo, 2002, p.28)

Assim como no no documentário, no jornalismo, as narrativas elaboradas são fruto do recorte e de uma organização das informações, o que leva a uma representação da realidade, e não um reflexo fiel dela, afirma De Melo (2002):

Assim, tanto nas narrativas pessoais como nas jornalísticas, o sujeito-autor cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. Essa situação nova não é um espelho fiel da realidade, mas sua representação. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, documentários e reportagens não são reflexos, mas construções da realidade social. Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos. (De Melo, 2002, p.28-29)

Entende-se que o documentário cumpre seu papel ao carregar o discurso cidadão, ao promover debates críticos sobre mobilização social, política e cultural, como destacam Renó e Renó (2002), ao representar a realidade e gerar conhecimento com potencial de emancipação cultural e social, como acontece nos saberes ligados à atividade do coco babaçu exercida por essas mulheres. Nesse contexto, o documentário "Movidas pelo Coco Babaçu", mostra o aproveitamento do coco babaçu como fonte de renda, focando nas mulheres quebradeiras do povoado de Petrolina (MA), evidenciando a importância do ofício na geração de renda, preservação ambiental, fortalecimento comunitário e cultural, além de valorizar seu trabalho e apoiar iniciativas sustentáveis.

4 MOVIDAS PELO COCO BABAÇU

4.1 Pré-produção: o germinar de uma ideia

Com o tema definido, a pesquisa bibliográfica foi o ponto de partida para aprofundar o conhecimento sobre a atividade extrativista na região. Foram identificados diversos estudos dentro da temática, principalmente em nível nacional. Para direcionar a investigação ao recorte local, realizou-se uma busca exploratória por dados relacionados ao povoado de Petrolina. Os resultados, no entanto, mostraram-se limitados, especialmente no que diz respeito a informações sobre dados específicos, comercialização e cadeia produtiva.

Diante da necessidade de informações específicas sobre a realidade local, o contato direto com as fontes tornou-se essencial para confirmar a participação no trabalho e coletar dados prévios sobre a atividade. Com apoio de conhecidos, foi possível chegar até Terezinha Cruz, moradora do povoado e quebradeira de coco, fundadora, ex-diretora e atual tesoureira da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA). Solícita, ela forneceu informações sobre a quebra de coco, a venda dos subprodutos e a atuação da associação, além de indicar outras quebradeiras importantes para a pesquisa. O primeiro contato presencial ocorreu em visita à casa de Terezinha, onde também foram indicados dois locais para gravação. Posteriormente, a comunicação prosseguiu por meio do WhatsApp e, semanas depois, foi realizada uma entrevista por telefone com ela, em 14 de janeiro de 2025.

Devido à falta de equipamentos adequados e ao tempo limitado por contratempos pessoais, a captação e edição do material ficou a cargo do videomaker terceirizado, Matheus Cardoso, cuja qualidade no trabalho já era conhecida. Durante as etapas de pré-produção, produção e pós-produção, foram dadas todas as orientações necessárias para garantir que o resultado final estivesse alinhado aos objetivos do projeto e à proposta narrativa do documentário. Toda a produção do documentário foi custeada com recursos próprios, sem nenhum tipo de financiamento externo, totalizando um investimento de R\$ 325,00 na realização do material audiovisual.

À medida que as pesquisas avançavam e as fontes iam sendo definidas, o roteiro base da gravação foi criado e ajustado conforme o tema, para ajudar o

videomaker durante as filmagens. Também foi mantida a abertura para incluir novas ideias que surgissem nas entrevistas. A ideia era conectar os depoimentos, evidenciando cada uma das personagens ali apresentadas. Dessa maneira, cada personagem do vídeo documentário foi designado a uma parte específica do documentário. Enquanto as quebradeiras iriam discorrer sobre esse trabalho individual, como por exemplo, na produção do azeite, do carvão além do trabalho coletivo na produção da farinha de mesocarpo, a atual diretora e a ex-diretora, que também é uma das fundadoras da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), iriam discutir sobre a atividade exercida pela associação e o empoderamento econômico das quebradeiras a partir da cadeia produtiva do coco babaçu.

Após definir o roteiro e conversar com as entrevistadas, foi alinhada uma data para a gravação, buscando conciliar a disponibilidade de horário para todos. Inicialmente, a gravação estava marcada para 8 de janeiro de 2025, mas, devido a imprevistos com as duas entrevistadas, foi dividida em dois dias. Em 8 de fevereiro, foram registrados os relatos de Terezinha, Maria de Jesus e Raimunda, além das imagens de apoio e da produção da farinha de mesocarpo. Em 15 de fevereiro, foram coletados os relatos de Francisca e Maria de Nazaré, juntamente com a captação de imagens da produção do azeite e do carvão do coco. Por fim, em 22 de março de 2025, regravou-se o depoimento de Terezinha Cruz, aproveitando sua presença na cidade, para complementar informações sobre a atuação da associação.

4.2 Produção: colhendo relatos, contando histórias

Durante a pré-produção, o objetivo foi simplificar e tornar o processo de gravação mais eficiente para todos. Sabendo que cada quebradeira tem sua rotina, foram selecionados dois locais estratégicos: o espaço de armazenamento do coco perto da vegetação e a associação. No entanto, devido ao período chuvoso e à previsão de chuva, decidiu-se previamente por mensagem gravar todo o material em dois ambientes dentro da associação.

Na tarde do dia 08 de fevereiro de 2025, o deslocamento ao povoado de Petrolina ocorreu acompanhado pelo videomaker. Ao chegar à Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), foi apresentado o espaço, que conta com dois ambientes principais: a sala de reuniões, onde é exposta a farinha de mesocarpo, e a cozinha, utilizada em algumas etapas da produção do mesocarpo. Com o cancelamento da reunião mensal prevista, foram registrados depoimentos da fundadora e atual tesoureira, Terezinha Cruz, e da diretora atual, Francisca Lima. Em seguida, foram coletados relatos de três quebradeiras no local de armazenamento do coco babaçu, para compreender suas experiências e a dinâmica da atividade.

Todo o processo de captação foi feito com a câmera Sony ZV-E10 e lente Viltrox 23mm 1.4, e o áudio com microfone Lark M2, da Hollyland. Usou-se luz natural e, em ambientes internos, a luz LM60W da Andoer, além do celular Samsung Galaxy A54 para fotos e bastidores. A escolha dos equipamentos e decisões estéticas influenciaram os enquadramentos, sendo os mais utilizados o plano 3/4, o primeiro plano e o plano detalhe. Essa combinação contribui para uma abordagem mais intimista alinhada ao documentário.

A primeira entrevistada desta etapa foi Raimunda de Jesus Araújo, 69 anos, quebradeira de coco babaçu há cerca de 59 anos. Aprendeu o ofício com a mãe e, devido às dificuldades no acesso à educação, começou a trabalhar ainda jovem, atividade que mantém até hoje. Aposentada e artesã, ela complementa a renda produzindo, vendendo azeite de coco e participando da produção de farinha de mesocarpo com o grupo. Durante a gravação, falou sobre seu trabalho, o impacto financeiro da atividade e o significado do coco babaçu em sua vida.

Figura 1 - Gravação com Raimunda de Jesus Araújo



Foto: Matheus Cardoso

A segunda entrevistada foi Terezinha Cruz, 64 anos, quebradeira de coco. Começou a trabalhar aos 8 anos, influenciada pela mãe, em uma família com o coco como principal fonte de renda. Aposentada, complementa a renda com a produção e venda do azeite e da farinha de mesocarpo. Na entrevista, abordou sua trajetória, a fundação da associação, atuação comunitária e o impacto da atividade na rotina.

Figura 2 - Gravação com Terezinha Cruz



Foto: Matheus Cardoso

A terceira entrevistada nesta etapa foi Maria de Jesus Cruz, de 70 anos, quebradeira de coco. Influenciada pelos pais e avós, Maria iniciou sua trajetória com o coco babaçu aos 10 anos. A renda proveniente do coco foi um fator importante para complementar a renda familiar e ajudou na criação de seus filhos. Atualmente aposentada, ela complementa sua renda mensal por meio da produção e comercialização de azeite de coco, além de fazer parte do grupo responsável pela produção de farinha de mesocarpo. Durante a gravação, Maria de Jesus falou sobre sua trajetória exercendo o ofício, como é feita a produção dos subprodutos e os impactos dessa atividade em sua rotina.

Figura 3 - Gravação com Maria de Jesus Cruz



Foto: Matheus Cardoso

Para contribuir com a narrativa, logo em seguida foram capturadas imagens da quebra do coco, um momento fundamental no processo, que ocorre de maneira periódica conforme o ciclo do babaçu, marcado pela floração, frutificação e a queda dos cocos maduros. Esse procedimento, que exige muita força e precisão, utiliza duas ferramentas principais: o machado e um pedaço de madeira resistente. Com elas, o coco é cortado ao meio e as partes são separadas, cada uma destinada a uma etapa diferente.

Após a coleta de depoimentos e imagens de apoio, o último passo do dia foi acompanhar a preparação da farinha de mesocarpo, já parcialmente adiantada para tornar a gravação mais objetiva. O coco, colhido ainda verde, é levado a um suporte com facas que descascam a parte externa. Em seguida, o mesocarpo é exposto e, com um pedaço de madeira, as quebradeiras batem até que se solte. O material é então triturado no moinho e embalado para comercialização, sendo um produto versátil, utilizado no preparo de mingaus, bolos, pães e outras receitas. A farinha é vendida em três tamanhos: 200g por R\$12, 500g por R\$20 e 800g por R\$35. Embora algumas quebradeiras ainda optem pela produção manual em casa, a associação disponibiliza ferramentas e máquinas que tornam o processo mais eficiente, como o moinho usado na trituração do mesocarpo e a forrageira, utilizada no processo de produção do azeite. Assim foram encerradas as captações do dia.

No dia 15 de fevereiro de 2025, deu-se continuidade às gravações do material com a realização da entrevista da quarta participante: Francisca Lima, 33 anos, quebradeira de coco, ela trabalha nesse ofício há mais de 20 anos. Com dois mandatos à frente da diretoria da associação, Francisca compartilhou, em sua fala, o papel da entidade diante da comunidade extrativista local, as iniciativas de apoio às quebradeiras promovidas pela associação e as implicações para o futuro da atividade na região.

Figura 4 - Gravação com Francisca Lima



Foto: Matheus Cardoso

Na sequência, foi realizada a entrevista com Maria de Nazaré, 64 anos, quebradeira de coco. Ela compartilhou sua trajetória no ofício, iniciado aos 16 anos, quando aprendeu com a mãe. O trabalho surgiu da necessidade de ajudar na renda da casa enquanto criava os filhos e foi nesse ofício que seguiu por toda a vida. Hoje, aposentada, ainda complementa a renda com a produção e venda do carvão da casca e do azeite. Durante a gravação, falou sobre o trabalho, seus impactos financeiros e o significado do fruto em sua vida.

Figura 5 - Gravação com Maria de Nazaré



Foto: Matheus Cardoso

No mesmo dia, ainda foram registradas imagens das etapas de produção do carvão e do azeite do coco babaçu. A casca é queimada em tambores para produzir carvão, que geralmente é comercializado em sacos de aproximadamente 3 quilos, por cerca de R\$ 14. As amêndoas são trituradas, torradas e cozidas para a extração do azeite, vendido em média a R\$ 35 o litro, usado principalmente na culinária, substituindo o óleo convencional no preparo de alimentos. Parte do processo é artesanal, mas a associação também oferece máquinas que facilitam o trabalho.

4.3 Pós-produção: a narrativa que floresce através da lente

Com o material captado em mãos, iniciou-se a análise e pré-seleção do conteúdo bruto, buscando elementos com potencial para a contextualização e composição final. Foram selecionadas falas e imagens de apoio para os offs e, simultaneamente, definida uma identidade visual alinhada ao tema, com a escolha da fonte tipográfica *Xilosa*, de estilo rústico, e da cor marrom, que fazem referência à natureza e ao coco babaçu, elemento central da narrativa.

Após a pré-seleção e decupagem, foi elaborado um roteiro de edição e minutagem para facilitar a montagem, seguindo em grande parte o plano inicial baseado no estudo do tema, mas incorporando novas ideias que surgiam durante a escolha das imagens, o que permitiu uma edição mais fluida. Por fim, o conjunto de relatos dentro do documentário foi estruturado em quatro partes: Vozes da quebra; Do fruto à renda; Força e coletividade: as quebradeiras de Petrolina e a associação; e O babaçu nos trouxe até aqui. A divisão das seções foi organizada a fim de facilitar a compreensão progressiva do trabalho com o coco babaçu pelas quebradeiras do povoado de Petrolina (MA), desde a apresentação das personagens, passando por aspectos socioeconômicos e culturais, a dinâmica comunitária e a continuidade da atividade, até o ofício com o babaçu como parte da identidade e vida delas.

Entre os momentos captados durante as filmagens, um em especial contribuiu posteriormente para a escolha da trilha principal: em uma das cenas, as quebradeiras entoam espontaneamente um trecho da música “Xote das Quebradeiras de Coco”. Composta por João Filho e frequentemente interpretada pelo grupo musical de mulheres quebradeiras conhecidas como Encantadeiras, a letra da música reforça o trabalho e a identidade dessas mulheres, tornando-se uma expressão marcante da trajetória de muitas que vivem do ofício com o coco babaçu, motivando sua escolha, como mostra a letra a seguir:

Xote das Quebradeiras de Coco

Ei, não derruba esta palmeira.
Ei, não devore os palmeirais.
Tu já sabes que não podes derrubar,
Precisamos preservar as riquezas naturais!

O coco é para nós grande riqueza,
é obra da natureza, ninguém vai dizer que não.
Porque da palha se faz casa pra morar,
já é um meio de ajudar a maior população.

Se faz o óleo pra temperar comida,
é um dos meios de vida pra os fracos de condição.
Reconhecemos o valor que o coco tem,
a casca serve também para fazer o carvão

Com óleo de coco, as mulheres caprichosas
fazem comidas gostosas de uma boa estimação.
Merece tanto seu valor classificado
que, com óleo apurado, se faz o melhor sabão.

Palha de coco serve pra fazer chapéu,
da madeira faz papel, ainda aduba o nosso chão.
Talo de coco também é aproveitado,
faz quibane, faz cercado pra poder plantar feijão.

A massa serve pra alimentar o povo.
Tá pouco o valor do coco, precisa dar atenção.
Para os pobres, este coco é meio de vida.
Pisa no coco, Margarida! E bota leite no capão.

Mulher parada, deixa de ser tão medrosa!
Seja um pouco corajosa, segura na minha mão.
Lutemos juntas com coragem e com amor,
Pra o governo dar valor a esta nossa profissão.

(CANTO E ENCANTO NOS BABAÇUAIS, 2014, p. 8-9).

Com a montagem bruta pronta, as narrações gravadas e as trilhas escolhidas de acordo com a proposta do documentário, repassei o material ao editor. A edição foi realizada no Adobe Premiere Pro, software amplamente utilizado em produções audiovisuais. Durante o processo, mantivemos contato para alinhar os direcionamentos e ajustar narrativa, imagens e trilhas com base nas observações feitas e nos direcionamentos da orientadora. Após os devidos ajustes, a versão final do documentário foi concluída e estará disponível no YouTube, plataforma escolhida devido ao seu amplo alcance. A intenção é garantir a visibilidade da obra, tornando o conteúdo acessível não apenas a estudantes e pesquisadores interessados no tema, mas também a diferentes perfis de espectadores, promovendo o diálogo e a reflexão sobre saberes populares, práticas tradicionais e narrativas locais relacionadas à cultura do coco babaçu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório técnico, referente à produção de um produto jornalístico do tipo vídeo documentário intitulado “Movidas pelo Coco Babaçu”, teve como intuito oferecer um olhar sensível sobre o trabalho com o coco babaçu, vivido pelas mulheres quebradeiras de coco do povoado de Petrolina, zona rural do município de Imperatriz, Maranhão, a partir de uma narrativa expositiva construída com base nos relatos dessas mulheres, o documentário nasceu com o propósito de compreender com mais profundidade as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais que as envolvem, mostrando um recorte de uma realidade maior, que merece ser reconhecida e valorizada.

Durante as idas a campo e nas conversas trocadas, foi possível acompanhar de perto o manejo do coco babaçu sustentável, uma atividade típica da região. O babaçu não é apenas uma fonte de sustento, mas também um símbolo de resistência coletiva, estando profundamente enraizado no cotidiano, na cultura e na renda das mulheres da comunidade. A cadeia produtiva, ainda sendo feita de forma artesanal e em pequena escala, é profunda em valor e significado. Ela exige habilidade, força, prática, cuidado com a natureza e, acima de tudo, o conhecimento que é passado de geração em geração. O manejo do coco babaçu e a produção artesanal realizadas por elas exigem conhecimento e técnicas específicas para preparar subprodutos de qualidade. Embora a comercialização seja informal e enfrente desafios, como a falta de apoio e a concorrência com produtos industrializados, ela ainda é fundamental para a renda das quebradeiras. Além disso, elas têm se empenhado em garantir seu espaço e reconhecimento, com o intuito de valorizar tanto o aspecto econômico como cultural deste trabalho.

O coco babaçu, que é um símbolo da região, está diretamente ligado não apenas à atividade produtiva, mas também à trajetória de vida das mulheres da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA). Foi do coco que elas criaram os filhos e sustentaram a família, o que demonstra que essa atividade vai muito além de uma simples fonte de renda. Para elas, o coco representa identidade, liberdade, pertencimento, união e uma forma de lutar por seus direitos e pela preservação da natureza. Elas que começaram por necessidade, devido à falta de oportunidades, principalmente no acesso à educação,

hoje continuam por pertencimento e resistência diante dos desafios que enfrentaram, como a falta de apoio, de terras, a invisibilidade e o preconceito, que tentaram calar e desvalorizar seu trabalho.

Como em todo projeto, foram encontradas inúmeras limitações ao longo da produção. Colocar no papel e transformar em prática tudo o que foi idealizado não foi simples, e nem tudo pôde ser realizado. Surgiram dificuldades e imprevistos que levaram a questionamentos sobre o sucesso do processo. No entanto, esse percurso também representou um grande aprendizado, ao possibilitar a vivência prática na elaboração e desenvolvimento de um material audiovisual coeso, destacando especialmente a importância de registrar histórias reais com sensibilidade e responsabilidade.

Pensando nas formas de aprimoramento surgidas durante a produção, percebe-se que um melhor controle das etapas teria contribuído para a dinâmica e evitado sobrecarga ao final. A inclusão de uma fala de especialista também ampliaria as análises e enriqueceria os resultados. Ainda assim, acredita-se que os depoimentos coletados foram suficientes para atingir os objetivos do trabalho, oferecendo um panorama representativo da atuação dessas mulheres. Espera-se que este estudo inspire novas pesquisas sobre as quebradeiras de coco em outros povoados, explorando diferentes formas de organização, os desafios enfrentados e como o ofício se caracteriza atualmente, especialmente entre as novas gerações.

Diante do que foi apresentado, reforça-se a relevância do coco babaçu como símbolo regional e sua importância para quem dele depende, sobretudo as mulheres quebradeiras de coco. Elas preservam essa atividade enquanto se adaptam às transformações, desenvolvendo uma cadeia produtiva sustentável que gera renda e se configura como uma forma de resistência diante das mudanças que impactam os modos de vida tradicionais. Dessa forma, torna-se imprescindível valorizar e apoiar essas comunidades, reconhecendo sua importância econômica e seu papel na preservação do patrimônio cultural, social e ambiental. Apoiar esse modo de vida é uma responsabilidade coletiva, assim, o ofício poderá seguir como símbolo de identidade e resistência para o futuro.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Viviane De Oliveira. **Na terra das palmeiras: gênero, trabalho e identidades no universo das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão**. Paco Editorial, 2018.
- BRESSAN, Flávio. **O método do estudo de caso**. Administração on line, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2000.
- Canto e encanto nos babaçuais: músicas sob domínio popular selecionadas por “As Encantadeiras”**. [S.I.]: As Encantadeiras; AMTR; MIQCB; ASSEMA; NCADR-UFPA, 2014.
- CASELLI, F. D. T. R., et al. **Extrativismo, sustentabilidade e inclusão social das Quebradeiras de Babaçu no Meio Norte do Piauí**. Papers do NAEA 27.1 (2018).
- DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. **Metodologia da pesquisa científica e acadêmica**. Revista OWL (OWL Journal)-Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação, v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023.
- DE MELO, Cristina Teixeira Vieira. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação 5.1/2 (2002): 25-40.
- DOS SANTOS, Raimundo Lima. **Associação, memória e luta das quebradeiras de coco no Maranhão: o povoado de Petrolina**. MÉTIS: história & cultura 8.15 (2009).
- DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas 1 (2005): 62-83.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de empresas 35 (1995): 20-29.
- IADANZA, Enaile do Espírito Santo et al. (org.). **Quebradeiras de coco babaçu**. Brasília: Universidade de Brasília, 2020. 24 p., il. (Cadernos Vivência Amazônica; 1).
- MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações**. RuMoRes, [S. I.], v. 4, n. 8, 2010. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2010.51209. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209..> Acesso em: 8 jan. 2025.
- NETO, Joaquim Shiraishi. **Quebradeiras de coco: “babaçu livre” e reservas extrativistas**. Veredas do Direito, v. 14, n. 28, p. 147-166, 2017.
- SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: IA/Unicamp (2007).
- STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Penso Editora, 2016.

ROCHA, Maria Regina Teixeira da. **Quebradeiras de coco babaçu**. Cerratinga, [s.l.], 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/povos/quebradeiras-de-coco-babacu/>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOLER, Marcia Paisano, Alfredo de Almeida Vitali, and Eric Fumhio Muto. **Tecnologia de quebra do coco babaçu (*Orbignya speciosa*)**. Food Science and Technology 27 (2007): 717-722.

VIEIRA, Fábio Pessoa, and MARIA ARLENE DA ROCHA SANTOS. **Percepções sobre sustentabilidade na educação ambiental**. DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins 5.Especial (2018): 103-113

APÊNDICE A - DIRECIONAMENTO PARA GRAVAÇÃO

DIRECIONAMENTO

TEMA:

O uso do coco babaçu como prática produtiva para as quebradeiras do povoado de Petrolina, Maranhão

PROPOSTA:

Produzir um documentário sobre o uso do coco babaçu como prática produtiva das quebradeiras do povoado de Petrolina, zona rural do município de Imperatriz, Maranhão, com o intuito de compreender as formas de aproveitamento do fruto e as implicações dessa atividade para as trabalhadoras do povoado, incluindo os aspectos socioeconômicos e as dinâmicas comunitárias envolvidas.

ENCAMINHAMENTO:

- Selecionar quatro quebradeiras do povoado, com ênfase naquelas associadas à Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA), para que relatem as práticas da atividade no local, as possibilidades da atividade econômica vinculadas ao coco babaçu e suas vivências.
- Selecionar duas representantes da Associação das Quebradeiras de Coco do povoado de Petrolina (MA) para que descrevam seu papel diante das atividades desempenhadas pelas quebradeiras locais, evidenciando sua atuação e a dinâmica comunitária envolvida.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS QUEBRADEIRAS:

- Quando e como você conheceu o coco babaçu pela primeira vez?
- O que fez você transformar esse conhecimento em uma forma de gerar renda? Foi por necessidade ou escolha sua?
- Quais produtos você faz com o coco babaçu?
- Como é feita a produção e a comercialização dos subprodutos do coco babaçu?
- Como essa atividade ajuda a sua renda?
- Existem desafios relacionados à atividade com o coco babaçu?
- Como a união entre as quebradeiras de coco ajuda a melhorar as condições de trabalho e a vida da comunidade?
- Qual a sensação ao ver o coco babaçu transformado em produtos como azeite, mesocarpo e outros?

- Qual a importância do coco babaçu para você e para outras famílias da sua comunidade?
- Como você vê o futuro do trabalho com o coco babaçu na sua comunidade? Você acha que tem espaço para crescer ou se transformar de alguma forma?

SUGESTÃO DE PERGUNTAS DIRETORA/TESOUREIRA ASSOCIAÇÃO:

- Como e quando surgiu a associação? Qual a motivação?
- De que maneira a associação atua diante das quebradeiras locais?
- Quantas quebradeiras de coco estão associadas à organização e como são definidos os cargos dentro dela?
- Essa colaboração entre as quebradeiras trouxe algum tipo de reconhecimento ou valorização maior do trabalho de vocês?
- Além dos produtos desenvolvidos individualmente, qual produto vem sendo desenvolvido atualmente?
- Como funciona a comercialização deste produto?
- De que maneira o coco babaçu tem influenciado as mulheres da sua comunidade? Você vê algum impacto, seja no aspecto financeiro ou em outras áreas de suas vidas?
- A associação tem planos para o futuro? Como vocês gostariam de ver o trabalho crescer e se expandir nos próximos anos?

APÊNDICE B - REGISTROS DURANTE O TRABALHO EM CAMPO

Imagem 1 - Bastidores entrevista com quebradeiras de coco babaçu



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 2 - Casca do coco babaçu pronta para a produção do carvão



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 3 - Coco babaçu fechado e aberto e ferramentas utilizadas para quebrar o fruto



Foto: Matheus Cardoso (2025).

Imagem 4 - Fachada da Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA)



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 5 - Fachada da fabriqueta da associação do povoado de Petrolina



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 6 - Francisca e Maria de Nazaré segurando os derivados do coco babaçu: carvão, amêndoas, mesocarpio e azeite



Foto: Matheus Cardoso (2025).

Imagem 7 - Local utilizado para retirada do mesocarpo na Associação das Quebradeiras de Coco do Povoado de Petrolina (MA)



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 8 - Maria de Jesus, Terezinha Cruz e Raimunda Cruz segurando o subproduto mesocarpo finalizado



Foto: Matheus Cardoso (2025).

Imagem 9 - Mesocarpo pronto para comercialização



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 10 - Forrageira utilizada para a preparação do mesocarpo no povoado de Petrolina.



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 11 - Produção caseira do azeite de coco babaçu



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 12 - Queima da casca do coco babaçu para a produção do carvão



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 13 - Retirada da casca para a extração do mesocarpo



Foto: Arquivo pessoal (2025).

Imagem 14 - Trituração do mesocarpo no forrageira para a preparação da farinha



Foto: Arquivo pessoal (2025).

APÊNDICE C - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Francisca Pereira Lima
_____, inscrito (a) no CPF/MF sob nº _____, AUTORIZO o uso da minha imagem na captação de vídeo, áudio e fotos para a produção do VÍDEO DOCUMENTÁRIO VOLTADO AO COCO BABAÇU COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PARA AS QUEBRadeiras DE PETROLINA - MA, como Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela aluna CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO, acadêmica do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, CAMPUS IMPERATRIZ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Estou ciente de que não receberei qualquer remuneração por isso e autorizo que os materiais coletados sejam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para outras publicações derivadas, como revistas e eventos científicos. Declaro que esta autorização é dada de forma livre e espontânea, sem que haja qualquer reclamação futura sobre direitos relacionados à minha imagem ou voz.

Imperatriz, 08 de Fevereiro de 2025.

Francisca Pereira Lima
(Assinatura do participante da pesquisa)

Cinthya Nayara Lopes Monteiro
(Assinatura do aluno responsável pela pesquisa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Maria de Jesus Bezerra

_____, inscrito (a) no CPF/MF sob nº _____, **AUTORIZO** o uso da minha imagem na captação de vídeo, áudio e fotos para a produção do VÍDEO DOCUMENTÁRIO VOLTADO AO COCO BABAÇU COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PARA AS QUEBRADEIRAS DE PETROLINA - MA, como Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela aluna CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO, acadêmica do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, CAMPUS IMPERATRIZ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Estou ciente de que não receberei qualquer remuneração por isso e autorizo que os materiais coletados sejam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para outras publicações derivadas, como revistas e eventos científicos. Declaro que esta autorização é dada de forma livre e espontânea, sem que haja qualquer reclamação futura sobre direitos relacionados à minha imagem ou voz.

Imperatriz, 08 de Fevereiro de 2025.

Maria de Jesus Bezerra

(Assinatura do participante da pesquisa)

Cintya Nayara Lopes Monteiro

(Assinatura do aluno responsável pela pesquisa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, maria de nazari de J. Pereira Lima
_____, inscrito (a) no CPF/MF sob nº _____, **AUTORIZO** o uso da minha imagem na captação de vídeo, áudio e fotos para a produção do VÍDEO DOCUMENTÁRIO VOLTADO AO COCO BABAÇU COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PARA AS QUEBRADEIRAS DE PETROLINA - MA, como Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela aluna CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO, acadêmica do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, CAMPUS IMPERATRIZ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Estou ciente de que não receberei qualquer remuneração por isso e autorizo que os materiais coletados sejam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para outras publicações derivadas, como revistas e eventos científicos. Declaro que esta autorização é dada de forma livre e espontânea, sem que haja qualquer reclamação futura sobre direitos relacionados à minha imagem ou voz.

Imperatriz, 08 de Fevereiro de 2025.

maria de nazari de J. Pereira Lima

(Assinatura do participante da pesquisa)

Cintya Nayara Lopes Monteiro

(Assinatura do aluno responsável pela pesquisa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Raimunda de Jesus Brondão Araújo
_____, inscrito (a) no CPF/MF sob nº _____, AUTORIZO o uso da minha imagem na captação de vídeo, áudio e fotos para a produção do VÍDEO DOCUMENTÁRIO VOLTADO AO COCO BABAÇU COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PARA AS QUEBRADEIRAS DE PETROLINA - MA, como Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela aluna CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO, acadêmica do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, CAMPUS IMPERATRIZ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Estou ciente de que não receberei qualquer remuneração por isso e autorizo que os materiais coletados sejam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para outras publicações derivadas, como revistas e eventos científicos. Declaro que esta autorização é dada de forma livre e espontânea, sem que haja qualquer reclamação futura sobre direitos relacionados à minha imagem ou voz.

Imperatriz, 08 de Fevereiro de 2025.

Raimunda de Jesus Brondão Araújo

(Assinatura do participante da pesquisa)

Cintya Nayara Lopes Monteiro

(Assinatura do aluno responsável pela pesquisa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Terezinha de Souza Cruz
_____, inscrito (a) no CPF/MF sob nº _____, **AUTORIZO** o uso da minha imagem na captação de vídeo, áudio e fotos para a produção do VÍDEO DOCUMENTÁRIO VOLTADO AO COCO BABAÇU COMO ATIVIDADE ECONÔMICA PARA AS QUEBRadeiras DE PETROLINA - MA, como Trabalho de Conclusão de Curso realizado pela aluna CINTHYA NAYARA LOPES MONTEIRO, acadêmica do curso de COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, CAMPUS IMPERATRIZ DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Estou ciente de que não receberei qualquer remuneração por isso e autorizo que os materiais coletados sejam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, científicos e para outras publicações derivadas, como revistas e eventos científicos. Declaro que esta autorização é dada de forma livre e espontânea, sem que haja qualquer reclamação futura sobre direitos relacionados à minha imagem ou voz.

Imperatriz, 08 de Fevereiro de 2025.

Terezinha de Souza Cruz
(Assinatura do participante da pesquisa)

Cintya Nayara Lopes Monteiro
(Assinatura do aluno responsável pela pesquisa)